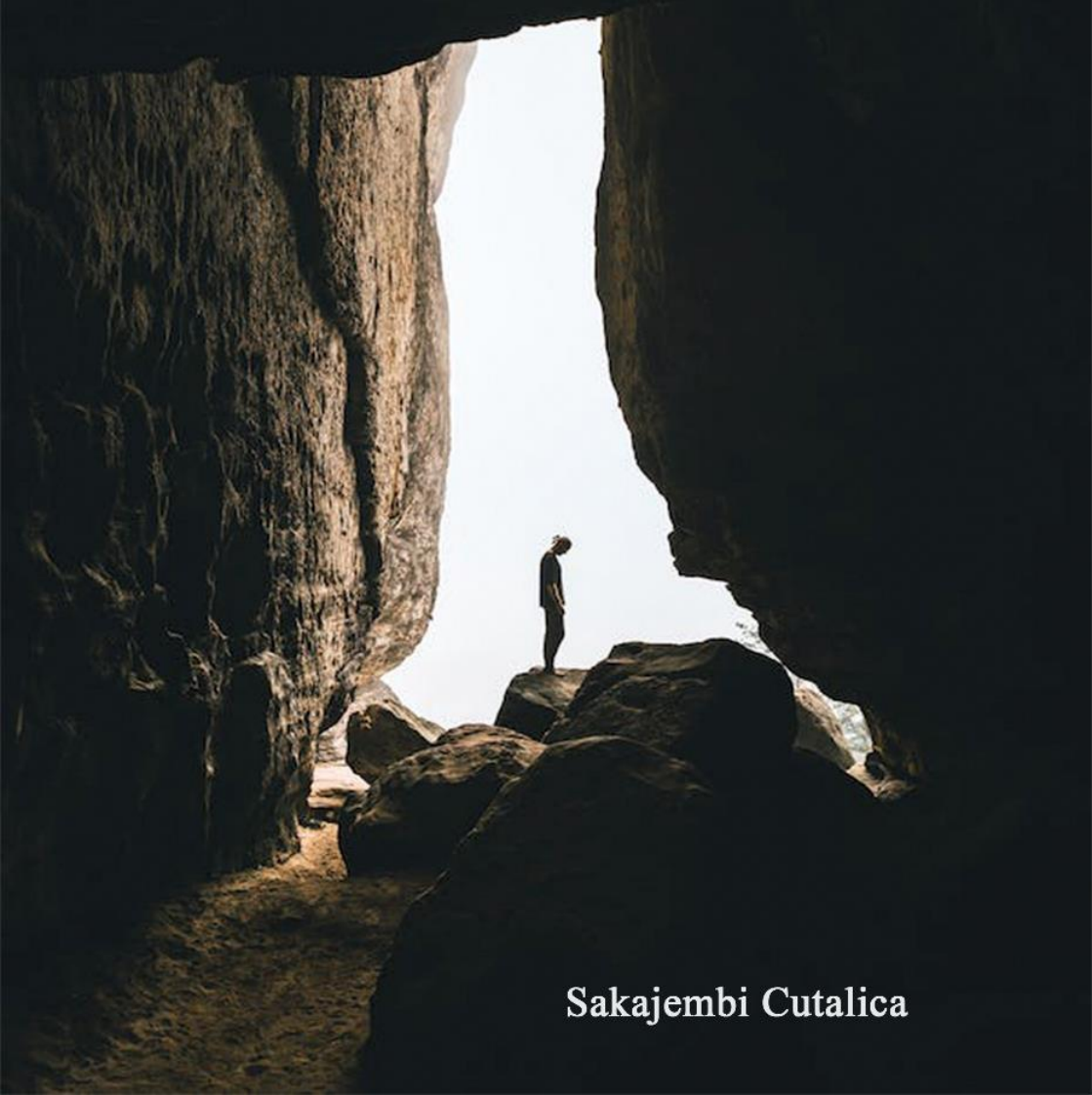


O Silêncio Que me Ensurdeceu



Sakajembi Cutalica

"Silêncio Que Me Ensurdeceu"

Sakajembi Cutalica

Ficha Técnica:

Título: “Silêncio Que Me Ensurdeceu”

Autor: Sakajembi Cutalica

Editora Digital: “**ÁGUA PRECIOSA**”

Texto: Verdana 12

Capa: Belson Hossi

Revisão dos Textos: Mille Tavares

Lubango, 2022

Índice

AGRADECIMENTOS.....	6
DEDICATÓRIA	8
PREFÁCIO.....	10
ROSTO EM LÁGRIMAS.....	12
O TEMPO DE AMIZADE ESGOTOU	16
11 DE NOVEMBRO	20
A ESTIAGEM NOS OLHOS	22
O SILÊNCIO QUE ME ENSURDECEU.....	24
A PARTE QUE MAIS ME DOEU	28
COVID-19.....	34
CRUZAMENTO DOS FACTOS	38
A MORTE DO TALY.....	40
À ENTRADA DO CEMITÉRIO	48
SOBRE O AUTOR	54

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pela vida e saúde.
À minha família toda; aos meus colegas do Tchituto e do Instituto Técnico agrário do Tchivinguiro (I.T.A.T); aos meus amigos. Por causa de vós, "OVINA KAVIHALILEVEKELE". As coisas não estragaram.
Senão, "nda yalunenva.
Kombunda nda kwayula".

À "**ÁGUA PRECIOSA**", e não esquecendo da ASA HUÍLA/ ACADEMIA DE AUTORES DA HUÍLA, e do Professor Valdemar F. Ribeiro.

À nhã Cretcheu, por me mostrar a cor do amor e me fazer "ngoiar" nos encantos da sua beleza.
Ao jovem Osvaldo por emprestar o seu precioso tempo para prefaciar esta obra que está a começar a caminhar.

Ao meu clone, Kamusekele da minha avó bonita.
Esposo da minha prima Kambundo.
A todos, o meu muito obrigado.



DEDICATÓRIA

Dedico estas páginas a todos os meus irmãos que, infelizmente, a mãe natureza me negou de estar com eles agora.



PREFÁCIO

¹*Oswaldo Sahopa*

Sakajembi Cutalica é um jovem escritor que com a sua experiência de vida mergulhou no mundo literário muito cedo colocando em papel, rabiscos que têm a ver o mundo místico que nos envolve. Tem ua forma de brincar com as palavras como mais ninguém.

Coube a mim, nesta deslumbrante obra e ao convite do autor, prefaciá-la honrosamente a mesma, depois de a ter lido com muito carinho deixando-me maravilhado com cada um dos seus artigos.

O "*Silêncio Que Me Ensurdeceu*" é um livro de crónicas históricas que revelam factos transpostos e actuais da sua vida e não só, que levarão ao leitor rever-se, reviver e acima de tudo superar as arduidades vivenciadas no jornadaear que o destino oferece no leito dos seres humanos.

Nele (no livro) encontramos um misto de emoções num único estilo que casa sentimentos bons e melancólicos que por si só se curam com palavras poematizadas e bem apaixonadas. Faz renascer memórias adormecidas pela terra árida e acolhedora, trazendo ao de cima a cultura Umbundu valorando a

¹ Oswaldo Sahopa é escritor, poeta, romancista e cronista com com varias obras literárias inéditas, entre elas, três livros publicados em E-Book (A Mestria do Amor, Amor Colossal poesia e Reflexões Motivacionais) no portal www.academiadeautoresdahUILA.net

amizade, a fraternidade e o amor-próprio em forma de partilha. Mais do que tagarelar, vale apenas ler.



ROSTO EM LÁGRIMAS

A princípio, pensei que fosse mais um daqueles amigos que vêm para brincar e machucar o nosso coração de forma propositada. Assim como uma flor, num solo seco, deixa-nos murchos, sem desejos de prosseguirmos com a vida!

Mas pelo que se viu, é o que os velhos disseram: "*ovitima kavialisokale*", ou melhor, os corações não são iguais. Assim como são as árvores numa floresta, eles também diferem de pessoa para pessoa. E nesta particularidade, há quem guarde boas acções. E o homem era um desses! Um homem de estatura média, sorridente e bastante cómico.

Para os velhos: "os tempos não são iguais". Para ele, tudo parecia o contrário. O dia podia ser mais quente ou mais frio, o homem era sempre a mesma pessoa! Isso, fazia-me lagrimar, de tanto rir!

Mas como é que nos conhecemos? Eu também não sei como! Só sei que, num abrir e fechar de olho, já éramos alguma coisa que, para falar a verdade, não consigo definir se éramos amigos ou irmãos! O pai Russo, nome que os cambas da parada lhe atribuíram, não era apenas um ²Kupapata. Era mais alguma coisa. Por isso,

² Moto-taxista

muitos o chamavam de pai Russo, papoite, e mais outros atributos de afinidade!

A sua profissão de "kupapata", criou na minha pessoa um espírito de empreendedor. Então, empreendi também na estrada. Antes não conhecia o famoso pai Russo, nem por dentro, nem por fora. No entanto, ignorei a voz que quase me levava a não arriscar. [...], e comprei a motorizada para o menino de trato fácil; fulo o bastante para ser chamado de pai Russo; de uma estrutura física suficientemente calibrada para ser chamado de pai grande e grande conselheiro para ser chamado papoite!

Afinal, "nda ukwene opepelela piko, ove pepelela kombunda", etchi vipia vosi uli", dizia a filosofia angolana, em Umbundo que em Português significa: "quando alguém está a soprar no fogo, você deve auxiliar, porque quando a comida estiver pronta vão comer juntos"!

O tempo todo vivi a pensar que ninguém sobe na vida sozinho, porquanto há sempre alguém ao lado para nos ajudar ou para ser ajudado.

Por isso, os cotas diziam: "*kwata oko lu kwene, likalyove tchikuponla*"; Ou melhor, trabalha com os outros, porque sozinho não vais conseguir! Foi neste pensamento, portanto, que caminhamos juntos durante três anos, fazendo pontes para as

nossas famílias! O ³“ngandyanguismo”, em três meses, ficou criado. Então, conheci a sua família e ele a minha.

Por cima da moto contávamos histórias, piadas e cenas engraçadas da semana. Agora entendo que ele era apenas uma visita na minha vida. Uma nuvem. A quem eu tinha que abrir mão. Sem olhar para os argumentos, mas apenas para virtude de hospedeiro! É, exactamente, o que aprendemos com os nossos antepassados, quando diziam: *"ukombe opita nde lende"*; sim, que "a visita passa como uma nuvem". Agora está, mas depois poderá não estar contigo. Por isso, não se preocupe. Tire o que tem e partilhe com ele!

Nós amávamo-lo. No entanto, tudo parecia que ele é que nos amava mais que nós a ele! Olha, ele tinha tudo para ser um jovem triste. Amargurado, ou infeliz na vida. Mas não foi isso que aconteceu! Ele aproveitava o brilho das estrelas, a frescura do ar e o gargantear dos pássaros na aurora para decorar cada tique-taque do relógio da sua vida!

Por incrível que pareça, ele era um terapeuta de si e dos outros! A maneira que ele apimentava a conversa, se eu dominasse o futuro não o deixaria entrar na minha vida e, se entrasse, não deixaria que o ano de 2020 fechasse sequer um

³ Familiarismo

quarto da nossa amizade! Todavia, ele entrou. Depois, infelizmente, o 21 de Dezembro disse para nós: basta! O vosso tempo de amizade esgotou. Alguém terá de partir, para que haja, de verdade, lágrimas reais na menina do olho! Alguém terá de partir!



O TEMPO DE AMIZADE ESGOTOU

De manhã, quando liguei para mim, o meu coração chamuscou. Ligeiramente, queimou de susto. Outra vez, pensei que a polícia apreendera a motorizada. Afinal, era apenas para um "oi" e mais nada!

É uma pena! *"Nda ekumbi litunda, kukasike ovilwa, tchambata ekumbi tchalowa"*. Aos mais velhos, a experiência da vida ensinou isso. E hoje, também ensinou-me: quando o sol está a nascer, convém não assobiar porque, o sol transporta muita coisa" durante o dia! Infelizmente, a dedução da filosofia da vida não falhou. No cair da tarde, um pouquinho acima da hora 18, a munição saiu da arma sem reduzir a velocidade, percorreu a sua trajectória e atingiu o mano Luís. O pai Russo, ou melhor, o papoite! E o pior é que ninguém estava aí para o socorrer!

Eram 11 horas da noite. Eu já estava por baixo de um sono profundo. Então, ignorei a chamada telefónica do pai Russo. Vou ligar para ele amanhã, logo que amanhecer – pensei dentro de mim. Mas insistiu tanto que acabei por atendê-lo. O ingressado é que, desta vez, o meu coração não bateu! Com viva voz, gritei:

_ Alô, pai Russo!

_Mano, é a esposa dele quem lhe fala – Retorquiu a pessoa ao telefone, soluçando a voz.

_ sim, por favor! – Repliquei. Mas do outro lado, ouvia-se mais choro que outra coisa. Esse gajo está a bater na esposa, ou o quê? – Perguntei-. Olha, fica calma e diga-me o que está acontecendo.

_Eu disse que o pai Russo foi baleado e ...

_ ... e quê?!, interrompi, expelindo todo ar do peito.

_ E levaram-no para o hospital – disse ela.

Agora; o problema estava comigo! Choro ou faço o quê?! Naquele momento, não havia nem de brincadeira, uma lágrima sequer. Pelos vistos, eu e ele havíamos esbanjando-as. O sono foi e a cama ficou solteira. Pedi o número do jovem que deu a conhecer à esposa e liguei- Só faltava esta! Para o meu azar, a bomba explodiu.

A esperança de que os médicos fariam tudo, parao salvar, morreu na hora! O jovem disse-me que deixaram-no na casa mortuária! Sem mais nada, este desligou o telefone. Se calhar não queria enfrentar o interrogatório da policia de investigação criminal.

Porra, filho da..., perdi a cabeça, comecei logo a insultar e a cochichar no vazio! Em todas as coisas boas, palavras e abraços que trocamos, pensei, ainda assim, a luz do dia não chegava para eu ver com os meus próprios olhos, se era verdade ou não! Como fez o Tome, na história bíblica, eu também queria constatar “in loco.”

Tiraram-me o homem, o homem manso, carinhoso, bastante paciente e de um sorriso contaminante! Ponto final, ninguém mais fala. A bala! na sua testa, significou isso! A motorizada que nos serviu apenas de âncora, o representante de Satanás aqui na terra levou-a, deixando o menino Luís, infelizmente, descansando para sempre no meio de quintais abandonados. Deitado no chão como um cachorro, sem dono e que qualquer um podia abater. Contudo, ele tinha uma família que o amava e esperava-o em casa!

No óbito chorei o suficiente. Imaginei o bastante. Desejei o pior à pessoa que o matou. Pedi a Deus que concedesse um lugar especial para este nosso amigo, pai Russo, e que perdoasse os seus pecados. Já que na vida ninguém é perfeito!

Apesar do fim ser este, com ele aprendi que: não precisamos de ir à escola para fazer um amigo; É relativo quando os velhos dizem: *ekamba likamba engunli* (amigo corta a garganta/mata); As famílias e amigos influenciam nas nossas decisões, mas tudo depende de nós, da nossa determinação e do nosso foco; Lamentar muito não resolve problemas, ao contrário, agudiza mais, apesar dos mais velhos sustentarem que "*nda ovela leña leña* (geme quando estiveres doente);

O amor é uma substância cuja forma depende do recipiente que o contém. Estando num lugar fértil

este torna-se fertilizante. Cresce e faz crescer também quem o consome; A simplicidade, a humildade e a honestidade atraem muitos amigos tal como as flores atraem as abelhas ou as borboletas para si, mesmo sabendo que no tempo seco elas se vão; Não se fica parado quando a ajuda não chega; é honroso e gratificante cuidar dos pais, portanto sem esperar em troca um acréscimo no tempo de vida.

Em suma, aprendi que os amigos são mesmo como uma nuvem, tal como os mais velhos disseram. E as lembranças de quem andou bem na terra são dóceis e ajudam os que ficam para se recuperarem o mais rápido possível! Todavia, assim como eles não surgem de graça, sem âncora, também não se vão embora sem que nos deixem, sequer, alguns pedacinhos de lembranças no peito!

A nossa tristeza agora é que nunca teremos um Luís igual. Um homem fulo, de altura média, cambaio, de peito desenhado e de olhos brilhantes. Já mais! Podemos pintar-nos de púrpura! Por isso, não me sobra mais nada senão agradecer o tempo que durou a nossa amizade e as nossas piruetas, pai Russo!

11 DE NOVEMBRO

Queria escrever para o 11 de Novembro, que "encontrei a carta que ele havia escrito". Li-a com muito gosto, mas apenas no princípio, porque depois fiquei desanimado com a anca de cada parágrafo! Os rios e os prados pintaram a margem da carta. Logo na introdução senti o sabor de maná. Um maná diferente e longe de ser uma utopia. Afinal, era uma nuvem que não demorou para desvendar a equação da tristeza!

Era um dia de "felicidade"! Ainda assim, a carta lacrimejou. Revelou a tristeza e a angústia que você sentiu ao escrever a mesma por cima do joelho! E na anca de cada lágrima estava lá a razão da melancolia do jovem; porém, não dava para fazer mais nada. Porquanto, a energia de activação era tanta que não dava para reverter a marcha!

O sonho apagou-se. Agora, kaputo! Desta forma, cantou o mano Handanga. Não sei se é verdade. Todavia, o certo é que "ohali kahiki", nem um pouco! Por causa da barriga encolhida, os meninos deram conta disso. Contudo, era tarde demais. O sol já havia crescido e, infelizmente, não dava para realinhar a carruagem de sonhos. Sonhos que se perderam já, afinal, quando se distendeu a cama. Agora muitas lágrimas correm no rosto dos candengues fobados. Enquanto se diminui o caudal do rio kwanza!

A África sabia tudo sobre a carta. Sabia que, de qualquer das formas, a travessia pelo mar vermelho levaria o POVO de Israel a uma outra luta, de andar de cócoras pelo deserto, porém, não nos disse nada. Por isso, apesar de não haver letras santas, puras e imaculadas na minha mente, para imprimir a chuva de tristeza que me amargava a alma, eu queria escrever-lhe a carta! Contudo, vou só deixar para o outro 11. Até lá, quem sabe, alguma coisa poderá mudar!

Moisés morreu e a água milagrosa deixou a garganta do deserto sem saliva. E o POVO de Israel? Mesmo sem hóstia, enquanto se formavam as dunas, através do vento, foi obrigado a caminhar de boca aberta, barriga encolhida, em direcção a uma Canaã onde não se chega! Isso é o que eu queria escrever, se eu tivesse coragem. Então, não tive e assim ficou a minha carta: "não escrita".

A ESTIAGEM NOS OLHOS

Eu não queria abrir mais uma página, mesmo p'ra ler, eu não queria abrir! Só que, com estas lágrimas, não tenho como escapar de abrir mais uma página!

O rosto da mãe do garoto está limpo, está sem lágrimas. Parece que ainda não compreendeu que o filho dorme. Só que, desta vez, para sempre! Ainda assim, houve quem dissesse: bem feito. Que, se brincarem, ainda haverá desflorestação. Porque a noite é uma manta gratuita para um sono profundo. Ai! Meu Deus, que testemunho!

Então, existe quantos "Caim", para desaparecer tanto Abel? Eu não vejo. Por esta razão, não queria abrir mais uma página! É ⁴"kwanana" demais que estou sentindo na garganta do meu televisor. Num milésimo de dor e numa chuva de sol ardente, uma estação em que não me parece que a acção da educação se faz sentir na relação.

A causa não foi simples, por isso, exigia o esforço e a entrega de todos. Mas, infelizmente, o garoto transpirou demais que a sua alma sangrou! A causa justa prevalecerá para sempre - diziam os velhos, mas não pensaram que essa levaria muita gente à eternidade. Nunca! Nadando nisso, fico com a mente transtornada.

Só de achar que a sua alma não deitou em paz, preferiria não abrir mais página alguma, para que deixemos tudo ao "Deus proverá". Em plena luz de velas, Satanás também aproveita descansar na sombra dos mortos. Da desgraça da família e dos amigos, também espera pela justiça de Deus que chega para todos, cais cedo ou mais tarde!

Nesse solo arável ninguém é eterno. E por sorte todos sabem disso!

Por isso, um jardineiro dizia: "não é bom destruir as flores quando não se sabe o esforço que se faz para as manter vivas".

O SILÊNCIO QUE ME ENSURDECEU

Ai! Por quê agora, meu irmão? Que música é essa que me cantas no silêncio, e que os meus ouvidos não conseguem interpretar nem absorver? A pouco que nos falamos e tudo indicava que estava tudo bem. Então, o quê que aconteceu mais, ao adormecer do dia? Não foi isto que me disseste. Partir? Não!

Meu prezado, onde anda aquela força? Não fica assim, calado. Fala para mim, por favor. O seu silêncio está batendo no meu coração. Não é certo deixares sozinha, neste deserto, sem força para caminhar nem lágrimas para chorar, as pessoas que te amam. Não é certo! Com o mano Geraldo já foi assim também. Atrás deixou-nos as saudades da sua beleza, da sua calma e da sua persistência. Irmão, o que é que fizeste para partir (também) tão cedo assim? Não acho que seja vosso desejo ferirem-nos com essa retirada eterna e muito menos ensurdecem-nos os ouvidos com o vosso silêncio. Não acho nem tampouco!

Dizem os mais velhos, em Umbundo: "*ovava anda e eseke lisala; otchitonga okutchipia okutchiliseya*". Infelizmente, esta filosofia não me acalenta. O teu nome nunca vai substituir a tua presença, o teu carinho, muito menos o teu sorriso. Com bastante tristeza, é mais uma panela na família que fica sem tampa!

Shankai, meu irmão, feriste-me com esta forma de partir! Depois da conversa que tivemos pelo telefone, eu já não esperava isso. Ao contrário, estávamos seguro e mais esperançosos! A minha fé não havia transbordado o quintal da minha esperança, não! Eu estava com tudo para me manter em pé, até quando voltasses à casa, não com os pés juntos, mas com a cabeça erguida para seguir em frente como nos acostumaste! É isso que a gente esperava! Logo, não é justo que atravessasses a palma da mão da família, sem que ela tivesse a oportunidade de ajudar! Não é justo nos deixar mergulhados neste mar de lágrimas! O óleo é que é assim. Sem piedade, passa pelos dedos das pessoas.

Para mim agora tudo desabou! Sem forças agora fiquei. Estes montes, estes rios, estas flores cheias de espinhos, agora é que irão mesmo acabar comigo. Aliás, quem me chamará mais de cota, como tu fazias? Está claro que, com a tua ausência, o silêncio vai consumir-nos aos poucos. Por causa da solidão prematura, não acredito que as noites não serão mais escuras porque onde nos deixaste não se faz versão de marcha. Somos obrigados a aceitar, mesmo sabendo que isso nos acorrenta os corações. Quem nos dera que fosse apenas uma brincadeira de mau gosto!

A música que estás entoando não é nada boa, toma nota disso, mano. Preferiria que me falasses muito alto nos meus ouvidos, ainda que isso me

ferisse os tímpanos. Sim, o seu silêncio, de verdade, dói, castiga até a alma. Tu, Shanka, não és assim! O silêncio é alguém, mas este não és tu não! A tua doçura não está no teu silêncio não! A tua mansidão não está também aí não! No teu falar, no teu andar, no teu agir, na tua forma de brincar e chamar atenção às pessoas, aí sim, é onde está a tua mansidão e o gosto das tuas palavras. Não sei quando, mas acredito que estaremos juntos um dia.

Agora, apenas peço que me dêes força, querido irmão, para que eu consiga absorver este fenómeno que me aperta o peito e me sufoca a alma.

Eis aí a minha mão, ajuda-me a atravessar com segurança esta mata negra, cheia de nuvens e sem esperança nenhuma. Espero que eu já tenha dito isso em ti, que te amo, porque senão, não me perdoaria fazê-lo agora! Vou reiterar apenas mais uma vez, que eu te amo. No meu "*muntima*", estarás sempre. Que Deus te proteja na sua infinita misericórdia, Shanka! As viagens de bicicleta que fizemos, as águas turvas e limpas que bebemos juntos, as boas e tristes lembranças terão sempre lugar aqui, na fonte das minhas lágrimas.



A PARTE QUE MAIS ME DOEU

Mesmo assim, quando o tio chegou em minha casa, encontrou que eu já tinha partido para escola. Desta forma, infelizmente, ele partiu e nunca mais nos vimos.

Neste dia, acabei de me preparar quando faltava menos um quarto da hora treze. A um passo lento, passando pelos becos da banda, chego à escola. Feliz com a nota de Química, imerso na praça do João de Almeida a vender chamadas telefônicas. A princípio, não queria sair de casa, agora, não me dá vontade de voltar para lá. Mas, o que é que está acontecendo comigo? – Indaguei-me. É o que os mais velhos dizem: quando isso acontece, se não for questão de visita, então, alguma coisa má vai acontecer na família! – Pensei.

O Sol começou a pintar o céu. O horizonte ficou vermelho e a praça, aos poucos, estava ficando vazia. Ainda, eu estava sem vontade de regressar à casa. Tentei animar-me com um pão e uma posta de peixe frito. Contudo, a mente ainda me dizia que alguma coisa estava acontecendo. E o que era? Peguei no Nokia 1100. Vi a hora e percebi que era tarde. Sem vontade, retirei-me da praça. Também, não havia como. A praça acolhe-te de dia, no cair da tarde manda-te de volta para casa.

Então, com medo de me roubarem o telemóvel e o dinheiro que ganhei, comecei a correr, a correr, até em casa. Saudei os putos da banda e me pus a abrir a porta. Infelizmente, o dia estava tão pesado que me esqueci de perguntar (mais), se apareceu alguém que perguntou por mim. Mas, após alguns minutos, senti alguém a bater a porta. E era o puto Paulo, que veio para me informar que o tio Carlos apareceu em casa. Não me encontrando, infelizmente, voltou! Agora sim, eis aí o que o espírito queria dizer-me! –

Exclamei. A minha sorte passou. Acredito que havia trazido consigo os sapatos e o chapéu que me prometera. Mas, se assim fosse, não teria deixado. Quem sabe, o facto de a prima Catarina não o ter aceitado, fez-lhe mudar de ideia. Se é assim, o azar não é só óbito! Eu, sendo sobrinho dele, entendo que a minha oferta não tem nada a ver com o meu papel de embaixador! – Cochichei. Queria tanto que ele me encontrasse em casa, não só por causa da promessa, mas para lhe contar também que eu estava a espera de um bebé!

Já se fazia tarde. Procuo o fósforo para acender o fogão, nada. Abro a porta e dou conta que o céu estava todo escuro e toda vizinhança já se encontrava a dormir, pois, nem as luzes de candeeiro viam-se nos quartos. Olho para o telefone, só ficou uma unidade de carga. Para o conservar, procuro o botão de desligar. Quase a

cliquei, vejo, era uma mensagem. Peterson? Nada! Pela hora, o meu coração ficou a palpitar. Abro a mensagem e deparo-me com esta informação, curta e objectiva: "mano Miguel, o tio Carlos, irmão da tia Celita, esposa do tio Mingo, faleceu"! Olha, o coração não explodiu, mas choringou de dor. Inclusive, nem vi quando o dia 22 amanheceu.

Naquela noite, queria muito que estivéssemos no dia 1 de Abril! Que fosse tudo mentira. Ou melhor, o tio Carlos está em casa e saudável! Nas ruas da cidade, o clima estava ameno. Todavia, eu não me aguentava. No passo de um - dois, um - dois, cheguei ao IMNE (Instituto Médio normal de Educação), a fim de levantar uma declaração sem notas discriminadas.

O que está inclinado, diziam os mais velhos, não armazena água. Mesmo triste, vendo o corte de cabelo do tipógrafo da escola, tipo cortou-se sozinho, consegui sorrir um pouco. Epah! O director não assinou a declaração, agora, vou acompanhar o meu tio - monologuei, sem saber o que fazer em prol do meu amigo. Um - dois, um - dois, cheguei no Tchioco. No táxi, sentei na última cadeira. Passamos o km 16, ninguém falou para ninguém. Peguei nos dois bolsos para pagar o táxi, mas, para o meu azar, lembrei-me que havia esquecido o dinheiro em casa, na calça que tinha posto.

Maca na sanzala! O que vou dizer ao cobrador? – Imaginei. Que não tenho dinheiro? Que vou pagar na praça? A mãe não está lá! A estas horas, ela deve estar no óbito, pensei. E enquanto pensava, ouvi uma voz lá em frente. Logo, levantei a cabeça; olhei para frente e vi que era o cobrador, com os olhos vermelhos e rosto banhado de lágrimas. Eu esperei um pouco, para entender a razão das suas lágrimas, porém, a minha alma não demorou para manifestar, também, que queria soltar as suas. Eu queria tirar o telefone do bolso, mas o jovem entendeu que eu estava a tirar dinheiro para pagar o táxi. Então, adiantou dizendo: Miguel, não precisas pagar nada. Aliás, ontem, o teu tio esqueceu aqui o seu troco de 50 kwanzas e estas quatro barras de sabão. Quatro barras e 50 kwanzas? Isso, significa o quê? Será que a sua morte estava predestinada? Como é que vai pagar táxi para mim? Eu sei que ele aprendeu muita coisa com os mais velhos, até, a ideia de que “não se deve apagar o fogo quando se está preste a morrer, pois, os que ficam hão de se aquecer”. Mas, até a este ponto de pagar táxi para mim, não esperava!

Com as quatro barras de sabão na mão, comecei a aproximar-me de casa. E, em cada passo que eu dava, começava a acreditar que era mesmo um facto. Infelizmente, o meu tio partiu mesmo – gritei ao vê-lo deitado, portanto, sem força de abrir os seus olhos. yeah! O meu coração ficou despedaçado. Despedaçado, não só pela forma

como morreu, com lábios e pálpebras destruídos, mas pelo facto de ele ter sido meu amigo. Na verdade, é uma pena que os mais velhos disseram: "*latchimwe tchitihula omunu waloña konjembo*". Sim! Por outras palavras, "nada consegue travar a morte"! Porque pela hora que passou em minha casa, não dava mais tempo de ir ao rio e nadar!

O tio Carlos era um jovem forte, alto, batalhador, criativo, humilde e gostava muito de crianças. Olha, não me lembro de ele ter perdido uma luta, mas agora vejo que o tio perdeu esta. Quantas vezes ele e eu, mergulhamos naquelas águas profundas da cascata, para morrer neste cordão quase sem água?! É verdade: "*olwi watomba owo ukwambata*", "o rio que não respeitas é que te leva"! mas desculpa, é difícil absorver isso!

O grande homem, de lábios grossos e de olhos pesados (muito censurado pelas mulheres), caiu na reacção inversa da vida. Eu esperava que a cinética da vida, só para nós dois, batesse ao contrário; que os bons não fossem muito cedo, que continuassem a florir na vida dos amigos. Evidentemente, que a vida não fosse tão curta assim! Todavia, é a dialéctica da vida! Não há hora, local, nem idade para partir!

No óbito, apareci como se não tivesse juízo: de calção grande, sapatilha grande e uma t-shirt também grande. Contudo, era a minha forma de me vestir. Aliás, Luanda ensinou-me assim.

Jovem que é jovem tinha que ser "nigger". Para parecer como 50 Cent, só me faltava o chapéu que o tio me prometera.

Eu não sabia que um dia, àquela hora, estaríamos a volta de uma fogueira mui acesa, junto a um amigo que dorme de verdade. Sinceramente, a última vez que ficamos juntos, ele e eu, à volta de uma fogueira, foi quando ele nos contou sobre a dor que sentiu ao ver os seus irmãos mais velhos a serem raptados na época da guerra!

COVID-19

"*Katchipepi vali ositu*"; "Já não tem mais sabor à carne". As mortes no mundo são tantas que o diabo não está a conseguir contar e, muito menos, catalogar. Numa visão desértica, os continentes e os oceanos parecem estar separados. Mas, lá nos céus ou no inferno estamos a chegar em "cash", ou em bloco, neste momento. A terra é um planeta que não tinha forma, no princípio. Era vazia, diz a bíblia. Desta forma, tirando o Espírito que pairava sobre as águas, não havia nenhuma alma vivente a fazer turismo, ou mesmo a estar em lua-de-mel. Era coisa para se dizer que estava tudo bem naquele tempo! Era só maravilha. Um tempo que não havia nem sequer tempo para sepultar o nada! Ai! Que tempo! Sim, num período em que o único vivente, na altura, já havia sido feito para estar a uma distância do mais infinito a menos infinito com a sepultura.

Agora (vêem só) com o surgimento do homem, tudo estragou! E estragou, precisamente, agora que tudo me parecia estar a brilhar ao nosso favor. Ao meu favor. Por isso, a terra choraminga. A lei da natureza está(va) a ser invertida. Os pais estão a perder os seus filhos. Por sorte, um número reduzido de filhos está a ficar. Só que, infelizmente, sem livros ou bibliotecas vivas, pois muitos velhos também

estão a desistir da luta. As forças da mocidade estão a ser substituídas pelo pulsar dos ventiladores. Mesmo que dizem que morrer é próprio da natureza, desta forma, a terra também rejeita. Aliás, até os treinadores de futebol precisam de um intervalo para instruir os seus jogadores. A terra rejeita sim; senão, não consegue fazer a divisão do pessoal que irá para os céus e dos que ficarão com ela para a última boda com Satanás.

Já não tem sabor à carne, dizia o meu pai, acrescentando que as "coisas são aquelas que costumam acabar"! Eh! "*ovina vyevi vipwapwa*". Alguns dizem que a doença está a perder força, mas tem-se dito também que não se deve pegar na cauda da serpente que está preste a morrer. Pois, ela pode descarregar todas as suas energias/veneno em ti.

Tal como acontece com o elefante quando morre na aldeia, nas TVs e nas rádios de todo mundo, o assunto é só um: na América, na Ásia, na África, morreram x pessoas e, apenas, recuperaram y. Parece relato de futebol, não é!? Pelos vistos, este é o plano da terra, de querer organizar-se. Mas do seu jeito: de maneira em que os rios fiquem mais limpos, as praias mais limpas, as florestas mais densas, esverdeadas, e o mundo mais solidário. Ai! Que forma de enxugar lágrimas na pessoa humana! De Covid-19, dizem as notícias, morreram muita gente. Olha, muita

gente mesmo, inclusive gente importante! Sim. Aquela gente que tem estado a fazer girar o mundo. Quando os velhos dizem que "kalunga" (a morte) não tem vergonha, é por isso. Através do Covid-19, a morte não tem sabido escolher. Podes ser branco, preto ou mestiço, se ela te visitar, estarás eternamente com ela.

Se calhar, é por isso que muitos dizem que ela é justa. Às vezes dá vontade para sorrir, mesmo no meio desta pandemia. Ou também chorar! Olha para isso: as botas estão todas borradas de sangue. Os cemitérios estão todos congestionados e a rotarem cadáveres. Mas, ainda assim, o homem diz que há benefícios no corona-vírus? Que aberração!

Só acontece com os humanos! Pois, com as outras espécies não! Olha para este gajo, principalmente para os seus óculos escuros; ele sabe que vai morrer, e num curto tempo de espaço, mas ainda assim está a roubar o fio de prata e os sapatos do outro, que deu o último adeus de Covid-19. Pocha! Onde é que o senhor vai exhibir? Eu ter-lhe-ia feito esta pergunta. Ainda bem que só acontece nos filmes. A não ser que o cidadão esteja atualizado com a "boda" que Satanás vai realizar no último dia. Todos os dias, a rotina é a mesma. Parece que em todos calendários não há sábado nem domingo. A única coisa que eu costumo a ver é só o Sol que brilha intensamente durante o dia e a noite que se

tornou bastante curta, devido aos filmes que têm sido exibido no canal 559, Dstv. Não tem outra coisa, senão de vez em quando, às tardes, correr um pouco com as crianças. Ou assistir na Tv de como é que as ruas das cidades a nível do mundo estão nuas.

Epah! Yeah, não há escapatória. É uma pena que a terra já está a rotar. Nesta altura, muitas pessoas quereriam ser enterradas com os seus haveres, como carro, casa, fazendas, ainda, com os seus pais, filhos ou com os seus animais de estimação. Trabalhar para deixar, é gesto de escravatura. É um processo não espontâneo. E, também, só tinha que ser mesmo com a Covid-19, que não nos dá tempo de pensar. A barra de sabão está acabando. Os conselheiros estão cada vez mais se multiplicando. Procurar comida nas lojas está cada vez mais difícil e perigoso. Nos ginásios, os ferros estão a oxidar e as pessoas estão a ficar obesas.

CRUZAMENTO DOS FACTOS

O silêncio é demasiado, meu Deus!

Não é frequente o Lubango não falar comigo. Rabiscando com o olhar no tempo, está claro que há muito as ruas da cidade procuram não me falar.

No meio de tanta dor, de tanta canseira (sentar é sentar) parece que ficar calado foi a melhor opção que ele tomou. Aliás, não existe outra coisa para se fazer senão ouvir o A, B, C, do Corona-vírus (Subiu/desceu).

Olha para este poeta, por exemplo. Observa o mover do seu olhar. Sem riso e sem atrito na sua história. Ele é um poeta renomado, mas preferiu ficar no silêncio. Um silêncio em que, apenas, o som da brisa, ao atravessar a janela da vida, se consegue ouvir!

O grito das zungueiras e as mãos estendidas dos mendigos, sem olhar atrás, dissolveram-se nos musseques. Desta forma, em todo tapete da cidade, havia silêncio. Sem voz, as ruas ficaram. Fez-se silêncio na cidade. Na amplitude e comprimento da vida, Lubango decide não me falar! Nas mantas do silêncio, escolheu esconder-se de mim.

No cruzamento dos factos (de um dia isso passar e o amanhã vir apresentar outro semblante, logo

ao amanhecer) a cidade escolheu esconder-se de mim. Os mais velhos dizem: mais do que uma virtude, o "silêncio" é uma atitude que caracteriza os homens fortes/sábios, tal como a "paciência", a "vontade" ou a esperança. Sim! Mas, perdão, eu não me sinto bem. Pois, também, o silêncio mata - dizem as mulheres. A voz da experiência. É muito bonito ver esta tamanha fé no rosto das pessoas! Com os ombros preparados, lavam as mãos com água e sabão, e colocam Cristo como escudo das suas vidas. Isso é bastante encantador! Na verdade, precisamos disso. Precisamos baptizar a nossa consciência no pensamento de que amanhã, de forma harmoniosa, o barulho dos carros; o pular dos meninos de rua e as travagens bruscas dos *kupapatas*, de novo, ocuparão as estradas da cidade, e o silêncio sairá pela porta de trás!

A MORTE DO TALY

Existem razões para não entender alguns desvarios da vida e a maldade de alguns deuses. O casal Tyipeio vivia na cidade do Lubango e esse tinha três filhos. Portanto, dois rapazes e uma menina. O primogênito tinha 12 anos de idade e chamava-se Taly. Pela atitude e comportamento do Taly, os pais conseguiam ver uma luz verde para um futuro promissor. Uma luz viva que Deus lhes deu, mas que se apagou muito cedo demais! Para um inocente!

Não me lembro do ano, nem do mês, mas sei que foi num domingo, às duas horas da tarde, que cheguei em casa do mano Tyipeio e encontrei apenas as crianças, mas (desta vez), todas elas cabisbaixas! _ O que é que se passa? Perguntei à menina.

_ E ela respondeu: Papá Miguel, desde a madrugada que o Taly não consegue pregar o olho! A voz da garota estava laqueando, quando falava. Ela havia posto uma blusa cor-de-rosa, treme-treme, e via-se, portanto, o coração da menina apreensivo!

- Olhei para o menino, na verdade, não parecia ser o nosso craque de futebol! É o que os mais velhos dizem, em umbundo: "*kapepi ositu*" (não tem sabor à carne). Para estar ao lado dele, com

lágrimas reprimidas, é preciso força e alguma coragem!

- Perguntei ao Taly, o pai? Antes mesmo de me responder, espremeu a face e gritou de dor. Sem eu saber, afinal, apoiei-me na perna dorida! Ainda assim, desactou os olhos e retorquiu: o papá só saiu, não disse para onde foi. Mas, pelos vistos, foi à casa do senhor que está cuidando de mim, buscar medicamento de fumaça! _ Fumaça? Interroguei-me. Não, não pode! Será que é... ephah! Sacudi a cabeça e deixei pra lá as fofocas! O rapaz não se aguentava mais. Sentia uma tremenda quentura dentro de si, que só queria alguma coisa fresca. Algo como "gelado"! Agora, eu que estava aflito. Não sabia o que fazer. O que aconteceu, é um fenómeno! Em menos de cinco minutos, o menino triturou 4 gelados. Que, em condições normais, a temperatura e pressão, ou melhor, a uma atmosfera e 273 k, bem saudável, levaria 6 a 8 minutos, em média, para descoagular apenas um!

... do outro lado do caminho ouvia-se os gemidos do rapaz. Ai, meu Deus! O que é que eu fiz para merecer este castigo, ó Senhor?! O assunto é sério, meu irmão – disse o mano, logo que me viu! Já se fazia tarde. A clareza do sol já se fazia sentir na linha entre o céu e a terra. Eu vivia distante, então, precisava regressar à casa. Contudo, não havia como. "*Tchakusuñama*,

katchikwete eyepelo" (o que te apontou – dizia o meu pai – não tem como esquivar)! Usando o polegar e o indicador, o pai do garoto enxugava as lágrimas!

Na sexta-feira – conta o pai – como é de hábito, o Taly foi jogar bola com os amigos. No declinar do dia, regressou à casa. Sem (sequer) um arranhão na pele. No entanto, na manhã de sábado ele acordou com a perna ligeiramente inflamada. Resultado do hospital? Não tem nada! Olha, não tem, mas a criança assim, está morrendo de dor. E, para as minimizar, veio uma chuva de antibióticos e paracetamol! Mesmo assim nada. O pai falava, esmagando a cabeça com os punhos, como se fosse o culpado!

- Não! Fica calmo mano, o rapaz vai ficar bem! Sentindo, falei para ele.

Olha, a dúvida é perigosa, destrói a fé! Infelizmente, a fé do mano fragilizou. A partir do momento em que soube (do curandeiro) que isso era é TALA, mina tradicional, a fé do mano internou! Até a minha! Tenho o quê, para me invejarem? Perguntava-se. São mesmo essas couves adubadas? Digam-me só! Se fossem ainda aquelas de todo ano, va...- Não fala isso, va... o quê?! Interrompi. Pois, entendi que estava a ir muito longe. Nós crescemos na fé católica. Por favor, não observa por este ângulo – aconselhei-o, mas também, com medo no joelho. Afinal, é mesmo uma praga que se instalou na sociedade!

- Miguel, os que matam existem - disse o mano. Na igreja cantam: "os VILYANGOS não subirão, nem ficarão de pé, no monte. Não verão (nem sequer) o brilho da glória de Cristo, quando Este descer"! Por quê? É que eles existem. Às vezes, comunicar-se com a natureza é difícil. No seio da angústia, senti que havia duas pessoas a falarem para mim: - A primeira: ajuda o teu irmão. Levem a criança para o hospital. Outra, com voz calma, apelava-me: não façam isso, não façam isso... Repetiram várias vezes, porém, sem explicação.

O meu coração estava a pulsar no pé, agora! E se for realmente TALA? – Perguntei-me. Nesta época do mercantilismo é difícil acreditar nas pessoas. Os naturopatas dizem que isso é da nossa área e a medicina moderna, também fala o mesmo. Infelizmente nesse meio foi difícil escolher a área. A única ideia que me pairava à mente é que eu tinha que fazer alguma coisa. Como dizia o meu irmão Tyipeio, em gesto de brincadeira: "numa família tem que existir um cão com roupa". Dito de outra forma, alguém que age no momento. Que engole até o cheiro das suas próprias lágrimas. Foi muito difícil tomar uma decisão. Eu sabia que problema de tala não é coisa para o hospital convencional. Mas como saber que era isso? Na família nunca tivemos alguém com este problema, para que nos dissesse alguma coisa. Mas é o que dizem os mais velhos: "*nda ko lonjele vyukwene kupia, kwove nyavanyako*

ovava". Se as barbas do outro estão a incendiar, borriфа com água nas tuas! Com os outros, não aprendi! Para mim, é tudo falso. Então, depois de muitas orações levamos o menino uma clínica de refência. Posto lá, encaminharam-nos também para um hospital público. Portanto, após verem a gravidade da coisa. Também lá tudo se justifica!

- A criança terá de ser operada – disse o médico, puxando um pouco os óculos de prata para baixo do nariz.

- Como assim, doutor? - Perguntou o mano.

- O médico, respirando fundo, disse: sim. Isso aqui (que estão a ver nas duas pernas e neste braço direito), é tudo pus. Por isso, tem que ser operado! Se, em menos de 72 horas, já criou pus, então, é tala – agora, como fazer? – Pensei. A princípio, havia inflamado apenas o joelho, agora, passado 24 horas, encheu outra parte do corpo e deixou apenas a cabeça e o tronco! Isso é azar! Passaram-se nove dias após a operação.

— Graças a Deus (tirando as dores no momento do curativo), não havia queixas. Ele, sozinho, já comia! – Disse a mãe do Taly, ansiosa em voltar para casa.

Nesse Domingo pediu uma esferográfica e um caderno para passar a ensaiar a caligrafia, pois não queria começar o ano lectivo como se fosse alguém da iniciação, escrevinhando as palavras. Acrescentou, olhando para o filho.

- Uau! Respirei de alívio.

- A 7ª classe é outro nível, papá Miguel – disse o Taly, esforçando a voz.

Depois de alguns dias - imaginei, o meu ndengue sorriu! Uau! Beleza!

Olha, as aulas começaram! As chuvas molharam a estrada! As cacimbas encheram d'água! A atmosfera aqueceu com o nascer do sol! ... Tudo se mexeu! Contudo, de água morna, o craque Taly, não saía! E a esperança moribunda, outra vez, cobriu-nos! Para nos espremer a alma, inflamou também as costas. Desta forma, mais uma proposta na mesa: _Quem é a família do Taly? - Perguntou, o Doutor.

- Sim, Dr! - Manifestou-se a mãe. _ O menino vai ser operado outra vez!

- Como assim? Ele já não senta, não consegue dormir devidamente, vai ser operado novamente, Dr? E como não bastasse, nas costas?! - Ó Santa Catarina - exclamou a mulher. Temos que fazer isso, se quisermos salvar a criança! - Fechou o Dr.

Olha, seria bom que as pessoas fossem maleáveis às suas limitações! Mas, também, quem é o naturopata? Para quem não o conhece, é apenas um curioso na botânica! Era preciso a anuência

da família. O mano quando ouviu, que o filho voltaria para o bloco, pôs-se a correr em direcção ao hospital. Para quem pratica exercícios físicos, não havia como. Em menos de 45 minutos, estava lá! Outra luta mais! Não o queriam fazer entrar. Este perdeu a cabeça e começou a pontapear toda gente que se encontrava na porta. Os dois "KAYAMAS" (*seguranças*), do primeiro e terceiro andar, só se espantaram que ele já estava no quarto do filho! - Fervendo, gritou soletrando: Dr, por favor, com todo respeito que lhe tenho, "não" - "faça" - "isso". "Chega" - "de faca"! Assim, estava a falar e a soluçar ao mesmo tempo. E num piscar de olho, as pessoas que se encontravam no quarto viram o rosto do pai a se tornar numa cascata de lágrimas! O médico tirou um papel branco e uma esferográfica preta e disse: assina o termo de responsabilidade!

... não sei se o mano assinou no espaço dele ou no espaço do Dr. Eu não estava, mas os que viram, disseram que o doutor não havia terminado de falar, ele puxou logo a tal folha e rabiscou uma coisa, mas longe de ser o seu nome. O corredor estava cheio de enfermeiros, segurança e de alguns pacientes. Uns comovidos com aflição, outros nem por isso. É o "biló" (luta) que estava em jogo! Não sei se procedeu bem, mas ladrou, ladrou que o hospital entendeu que ele era o nosso cão com roupa. O escudo da família!

Pôs o menino nas costas e amarrou-lhe com o lençol branco que estava na cama. Sem dizer nada, descartou o elevador e desceu pelos degraus. No seio da estrada, o pai gritava dum lado e o filho doutro. Os carros quase se pancavam só de ver o filme. Um filme que não se sabia o título, nem a razão da sua luta.

... o caso estava sério e metia medo. Até o quimbandeiro, quando viu as feridas, fugiu. Escapuliu que abandonou a casa. Se voltou, talvez voltou à noitinha! Ainda assim, "*kowiñgi keyahu*". A salvação mora nas pessoas! Quando queres escalar a vida, escala no lado que tem gente. Enquanto pensávamos no que fazer, apareceu alguém que nos reconheceu e orientou-nos a um outro naturopata (ervanário) que nos acolheu! Só que, é uma pena, a morte é mesmo indisciplinada! Ela não reconhece o esforço de ninguém, por isso, leva tudo e todos, como se fosse sua propriedade! Desta feita, com muita dor, dor de verdade, o Taly, ou melhor, nosso craque, preferiu ceder a luta e ser levado pra jogar noutra esfera da vida!

À ENTRADA DO CEMITÉRIO

Não sei se diria "em vida", ou quê! Porque, na verdade, a primeira vez e última que eu também o vi foi em casa, no ano de 2011; porém, já sem vida. E o nome de Tchikunjwa? Olha, foi-lhe atribuído à entrada do cemitério! Assim manda o nosso "viholo". Nossa tradição!

Lembro-me como se fosse hoje. Era numa manhã de um dia fresco, quando a garota foi à maternidade com o bebé na barriga e, 74 horas depois, cada um voltou pelo seu caminho. O bebé chegou primeiro e a mãe encontrou que ele já estava deitado numa mesa plástica. Portanto, já, sem voz para chorar, sem energia para saracotear os lábios e sem sede para esvaziar o leite que coçava as tetas da garota. Desgraçadamente ele já estava morto. Morto que nem um pontapé ao pai, outra vez, ele deu!

Será que o conheci? Bem, exceptuando os chutes e as ondas de desejos, que ele causava à mãe, não sei demais nada sobre ele. Então, como tal, não o conheci. Como uma cortina que se abre à cena do palco, às vezes, me vem à mente a imagem de um rapaz fulo, de nariz meio achatado e olhos grossos e claros, iguais aos da minha garota. Ainda assim, acho que são loucuras do mês de Agosto!

Naquela noite, o esposo da garota não conseguiu dormir. Ao voltar da maternidade, num beco despido de gente cruzou com uma frota de cães que o carimbou na coxa direita. Era um grupo de cães que, ressecado, ia atrás de uma cadela que expelia o calor e o perfume do seu ponto de ebulição!

Mesmo com dor, aproveitando o silêncio da madrugada, na sombra de uma cama vazia escreveu uma dedicatória que devia ler para a garota e para o seu filhinho, quando esses regressassem à casa. Infelizmente, a dedicatória, com o escorrer das lágrimas, no dia seguinte, na linha de cada estrofe, perdeu as letras e o sentido lógico de cada palavra. Com tristeza a folha perdeu-se no jardim da cidade...

Mas antes, a garota, soando de dor do parto, disse ao esposo já preocupada: _ desde ontem que não vejo o meu menino. Logo que alvoreceu, as outras foram chamadas à amamentar os seus bebês. Contudo, até aqui, a mim não estão a dizer nada. Então, por favor! Vão só para lá, vêem o que se passa e digam-me alguma coisa. É que não me sinto bem. Não me comunicando com o meu anjinho! - Disse ela quase deitando lágrimas.

Infelizmente o jovem não conseguiu assentar os seus pés no plano do mosaico do hospital, quando uma enfermeira, vestida de branco, espoletou palavras que ninguém gostaria de ouvir. Uma

verdade que, na verdade, não devia ser verdadeira, no seu pensar: "infelizmente - disse ela - fizemos tudo que estava ao nosso alcance, mas a criança não resistiu. Quando eram 5 horas e 10 minutos, a criança suavizou os gritos e, por último, acabou por fechar os seus olhos". _Ai! Vou dizer o quê à minha garota? - Bradou o rapaz, apoiando-se nas duas paredes do corredor. Tenho vergonha. Não vou conseguir olhar para ela. Na qualidade de pai, com muita tristeza, eu sinto que não fiz a minha parte - replicava ele, torturando a sua alma!

Até as dores do parto, ele queria partilhar com ela. Não sei se a partilha seria polar ou apolar, mas foi o que ele disse no meio das lágrimas. Ai! Afinal, essa porcaria dói. Por quê que tinha que acontecer, exátamente, comigo? Na verdade, por quê que os seres no topo da plenitude, ainda morrem?

Olha, "*pavenga opo vakwatala aponde*", já diziam os mais velhos. É na dor onde se descobre a fragilidade do homem. O esposo estava sem explicação e, num momento, pensou que tudo desabou. Afinal, há quem conheceu o pior e ainda está aí, firme!

Muitos prosseguem a chorar desta forma. Começando com o por quê! Como fez o esposo da garota. O próximo parágrafo, no entanto, diz que não devia ser assim. Porque, olhando para as leis da natureza (da gravidade, inércia, e não só), no

tamanho de cada cruz e na área de cada túmulo, naquele pequeno quintal, quintal pintado de branco, alguém desvendou os seus olhos e disse-lhe, com uma voz perfurante: "então, nosso amigo, gostaria que acontecesse com quem"?! As leis são universais. O que não é universal, na verdade, não é lei. Todas as leis da natureza, aliás, têm um só carácter: de alimentar todos ou não alimentar ninguém.

Com tristeza, a folha perdeu-se no jardim da cidade e o bolso do esposo ficou com a língua vazia. Sem a dedicatória! Todavia, ao lado, havia um mendigo que estava a terminar de embrulhar a sua "bitchoia" em uma folha de papel, um papel que parecia ser da sua dedicatória. Só que a cola de cuspe, que prendia a forma do cilindro, esvaziou a sua intuição. Pois, na humidade do fecho da "bitchoia", nem um rabisco de letra havia. Então, infelizmente, pareceu que o *Tchikunjwa* não quis ser lembrado. Portanto, ainda mais, na resistência do frio da entrada!

TÍTULO: **O SILÊNCIO QUE ME ENSURDECEU**



Se não sabes o esforço que eu faço para me pôr de pé, então, não me empurre para o chão.

SaKAjemi Cutalica



Quem está no cimo da montanha faz-nos companhia, mas é quem está no alicerce da montanha que importa a caminhada.

No subjacente da natureza, existe conhecimento e sabedoria para que ninguém fique com a mente vazia

SaKAjembi Cutalica

SOBRE O AUTOR



Miguel Manuel Cutalica, pseudónimo literário (SaKAjemi Cutalica), nasceu na Província da Huíla, Município do Lubango, aos 06 de Agosto de 1983.

Tem formação Média em Bio-Química pela Escola de Formação de Professores do Lubango e Licenciatura pelo ISCED (Instituto Superior De Ciências Da Educação) do Lubango em Ensino da Química.

Actualmente frequenta o Curso de Mestrado em Ensino das Ciências na opção de Química, no ISCED-Huila.

É também Professor e Coordenador do Curso de Indústrias Agro-alimentares no Instituto Técnico Agrário do Tchivinguiro (ITAT).

É apaixonado pela arte de escrever, com muitos textos divulgados localmente, embora não publicados oficialmente.

“Se não sabe o esforço que eu faço para me pôr de pé, então, não me empurre para o chão”.

SaKAjembi Cutalica

Silêncio Que Me Ensurdeceu

Autor: Sakajembi Cutalica

EDITORA DIGITAL

"ÁGUA PRECIOSA"

Telefone: 923 407 949

Projecto gráfico

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a
Sakajembi Cutalica

Este E-book está protegido por
Leis de direitos autorais na "CPLP" "SADC" e "PALOP"

=====

"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA

"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL

"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA

Esta obra está sob uma Licença Commons.
Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que
Seja dado crédito aos autores originais –

Não é permitido modificar esta obra.

Não pode fazer uso comercial desta obra.

Não pode criar obras derivadas.

A responsabilidade
Pelos textos, músicas e imagens
É exclusivamente do Autor.

